

**O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DA ESCRITA:
DA LEITURA À PRODUÇÃO DE TEXTO**

Luciana dos Reis da Silva (UERR)
Luzineth Rodrigues Martins (UERR)
luzinethmartins@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo trata de experiência de estágio no curso de letras da Universidade Estadual de Roraima, sob a supervisão da professora doutora Luzineth Rodrigues Martins, ocorrido em turmas de 8º ano do ensino fundamental, de escola da rede pública estadual. O trabalho segue a proposta metodológica de sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2010), tendo como princípio norteador a interação na sala de aula (IRANDÉ, 2003); o texto como a unidade de ensino (GERALDI, 2002); e a mediação da leitura e da escrita (BORTONI- RICARDO 2010, 2013). Destaca-se, nesse processo, a mediação da escrita, cuja finalidade atendeu a tentativa de superação de três dos doze trabalhos de Hércules apontados por Bortoni- Ricardo (2013), isto é o “ensino de redação assistemático, espontaneista e improvisado; a correção inócua de trabalhos escolares sem discussão (feedback) nem refacção posteriores; e a pouca ênfase no reforço de habilidades letradas supostamente previstas apenas para séries anteriores”. Seguindo a orientação das pesquisas etnográficas, utilizou-se para registro das atividades a metodologia dos protocolos verbais (TOMITCH, 2008) como recurso para a análise e visualização dos dados construídos ao longo das aulas. Eles revelam as possibilidades e os avanços obtidos em trabalhos dessa natureza.

Palavras-chave: Estágio. Mediação. Escrita.

1. Introdução

O presente artigo visa ao relato de experiência com a mediação da escrita ocorrida durante o estágio supervisionado na regência do ensino fundamental, disciplina obrigatória do curso de letras da Universidade Estadual de Roraima, realizado em uma turma de 8º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede pública estadual, da cidade de Boa Vista, capital de Roraima, sob a supervisão da professora Luzineth Rodrigues Martins.

Seguindo a proposta metodológica de sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2010), este trabalho tem como princípio norteador a interação na sala de aula (IRANDÉ, 2003); o texto como unidade de ensino (GERALDI, 2002); e a mediação da leitura e da escrita (BORTONI- RICARDO 2010, 2013).

Destacamos, nesse processo, a mediação da escrita, cuja finalidade atendeu a tentativa de superação de três dos doze trabalhos de Hércules apontados por Bortoni-Ricardo, isto é, o “ensino de redação assistemático, espontaneísta e improvisado; a correção inócua de trabalhos escolares sem discussão (*feedback*) nem refação posteriores; e a pouca ênfase no reforço de habilidades letradas, supostamente previstas apenas para séries anteriores” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 05).

Para apresentar essa experiência, este trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira seção, explicitamos o processo de planejamento do estágio; na segunda, registramos o processo de mediação da escrita; e na terceira, evidenciamos os resultados alcançados e as dificuldades encontradas na realização do trabalho.

2. *Pensando o ensino de gêneros: o planejamento do estágio*

O ato de planejar é algo natural que envolve todos os aspectos da existência humana e faz parte do cotidiano do homem, representando

[...] um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos, em prazos determinados e em etapas definidas, a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original (MARTINEZ; *apud* PICONEZ 1991, p. 17)

Este ato norteia o ensino e abre caminhos para que a aprendizagem do aluno seja satisfatória, e o professor obtenha êxito em sua função, pois como disse Paulo Freire, é necessário ao professor “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2008, p. 47).

Com a tarefa de realizar o estágio do curso de letras, instituímos o planejamento como a primeira ação a ser realizada, e não mais fácil do que a regência. Ensinar por meio de gêneros era uma novidade, exigiu muito tempo de estudo e de transposição do conhecimento adquirido para o planejamento solicitado na disciplina de estágio.

Também exigiu que ancorássemos a proposta de trabalho em dois eixos: um teórico e outro metodológico. Na dimensão teórica, o planejamento foi norteado pela concepção interacionista da linguagem, isto é, aquela que concebe a ação de linguagem como resultado da apropriação, pelo homem, das propriedades da atividade social.

Para Vygotsky (1998), o sujeito age sobre a realidade e interage

com ela, construindo seus conhecimentos a partir das relações inter e intrapessoais, internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais. Nesse entendimento, as práticas sociais de uso da linguagem tornam-se as práticas discursivas que chegarão à escola por meio do gênero, sendo este o objeto primordial do ensino, especialmente quando se trata do desenvolvimento da escrita.

No campo da didática do ensino, a ênfase recai nas relações entre a linguagem e a atividade na sala de aula. Nessa concepção, a relação ensino-aprendizagem está constituída nos pressupostos da Psicologia vigotskiana, sendo a ação do professor centrada na mediação da escrita, visando possibilitar ao aluno o contato com diversos contextos de uso da linguagem, para que este aprenda a adequá-la às diversas situações vividas em seu cotidiano.

Assumir a interação como o princípio norteador da atividade docente (IRANDÉ, 2003) e o texto como a unidade de ensino (GERALDI, 2002), traz implicações teóricas e práticas para o ensino. A primeira mudança é a ação de “priorizar o texto como unidade de ensino, além de reorientar os objetos (ou conteúdos) de trabalho”, e a segunda requer recolocar “sob novo foco as relações de ensino-aprendizagem” (COROA, 2002, p. 4)

Partindo destes pressupostos, o planejamento do estágio seguiu a metodologia conhecida por sequência didática (SD) que, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly, é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (2010, p. 89)

Esclarecemos que a escolha do gênero foi feita pela professora titular da turma e que, por uma questão de limitação de espaço e tempo, destacaremos, neste trabalho, somente a mediação da escrita.

3. O processo de mediação da escrita

Destacaremos, nesse processo, a mediação da escrita, cuja finalidade atendeu à tentativa de superação de três dos doze trabalhos de Hércules, isto é, o “ensino de redação assistemático, espontaneísta e improvisado; a correção inócua de trabalhos escolares sem discussão (*feedback*) nem refacção posteriores (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 05)

A mediação é um conceito advindo da Psicologia vigotskiana e

significa o auxílio que um sujeito experiente pode oferecer a outro menos experiente. No processo de mediação da escrita, a leitura sobre o gênero a ser produzido é uma das primeiras etapas da produção textual, haja vista que “a leitura [...] alimenta a escrita” (MOTTA-ROTH & HENDGES, 2010, p. 14).

O processo de mediação da leitura ajuda o aluno à compreensão do texto em suas diferentes dimensões, pois

[...] mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, transformando-o em leitor principiante em leitor ativo. Isso pressupõe desenvolver sua capacidade de ler com segurança, de decodificar com clareza e reconhecer com rapidez as palavras para realizar uma leitura fluente (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 68)

Partindo dessa compreensão, as aulas do estágio começaram pela ação de leitura de um texto intitulado “O Avarento”, uma fábula de Esopo, um dos mais renomados autores desse gênero. Para apresentar o registro dessa atividade, utilizamos a metodologia dos protocolos verbais (TOMITCH, 2008) como recurso para a análise e visualização dos dados construídos ao longo das aulas. Tais protocolos são assim identificados: a) Protocolo 01: Exploração do texto; b) Protocolo 02: Exploração da organização do gênero fábula; c) Protocolo 03: Primeira versão da escrita; d) Protocolo 04: Segunda versão da escrita. Neles utilizamos os seguintes códigos: (P) para professor-estagiário; (A1, A2, A3 etc.) para alunos e [...] para supressão de alguma fala ou texto.

Para a mediação da leitura fiz os seguintes questionamentos:

Protocolo N° 01: Exploração do texto

[...]

(P): Vocês gostaram do texto?

(A1): Sim.

(P): Vou fazer uma leitura aí com vocês, tá?

[...]

(P): O que vocês puderam entender com esse texto? Vamos começar pelo título. O que vocês entendem como “avarento”?

(P): Alguém já conhecia essa palavra?

(A1): Não.

(P): Mas assim, pelo contexto, pelo enredo da estória, vocês conseguem entender o que é avarento?

(A2): Miserável.

(P): O que vocês puderam entender dessa estória? O que aconteceu?

(A2): Ele perdeu o ouro dele!

(P): Ele guardou tanto ouro pra no final ele ser...

(A3): Roubado!

(P): Ele tinha um ouro, mas ele não fez uso desse ouro. Alguém foi lá e pegou... Então... ,vocês conseguem fazer essa relação do título com o texto?

(A): Não!

(P): Não conseguem visualizar isso?

(A4): Não.

(P): Uma pessoa avarenta ou um homem avarento, no caso o que tá sendo colocado aqui no texto, é uma pessoa que tem posses, ele tem dinheiro, e não utiliza. Por isso que o título do texto é “O Avarento”

(A5): O Avarento

(P): Mostra justamente isso, né?

(A5): Ei professora, isso aí é conhecido como miserável!

(P): Também pode ser utilizado como uma pessoa miserável, mas não é perfeitamente esse o significado. Mas pode ir por esse sentido aí. Ele foi tão ruim consigo mesmo que ele acabou perdendo o bem que ele tinha sem desfrutar.

(P): O que mais vocês acharam de interessante nesse texto? Vocês conseguem visualizar que tipo de texto é esse?

(A6): Uma fábula!

(P): Uma fábula! Por que que é uma fábula?

(A6): Porque ela tem uma moral.

[..]

Sabemos que a compreensão leitora exige uma ação sistemática do professor para que o aluno atinja esse fim. Por isso, faz-se necessário esclarecermos que, neste protocolo, fizemos apenas um recorte do processo de mediação da leitura, mas a interação com os alunos foi muito mais abrangente.

A respeito do modo como se processa a interação na sala de aula, Cox e Assis-Peterson declaram que

Uma pessoa, investida da função de professor, adquire poder de determinar ações aos alunos. Estes, por sua vez, legitimam esse poder [...] Embora o professor seja gente de controle social na sala de aula, a interação se dá de forma compartilhada, produzida também pelos alunos: melhor, produzida na relação professor/alunos, alunos/alunos. (COX & ASSIS-PETERSON, 2003, p. 128)

Para orientar a interação por meio da leitura do texto, incluímos no planejamento os seguintes questionamentos:

- *Você sabe quem é o autor do texto?*
- *O que você entendeu com a primeira leitura do texto?*
- *Você conhece ou conheceu alguma pessoa com a mesma atitude do personagem principal da fábula?*
- *Você tem algum pertence que não utiliza? Tem dinheiro guardado em algum lugar?*
- *O que você achou de estranho no texto?*
- *Você consegue relacionar o texto com a sua vida? Como isso ocorre?*
- *O autor expõe sua posição acerca do que ocorreu no texto?*
- *Você consegue perceber o motivo do personagem da história estar tão decepcionado?*
- *Você obteve uma nova informação, com a leitura desse texto. Qual?*

Os questionamentos ajudaram a explorar o texto de modo detalhado. Direcionei as perguntas sobre o texto, visando a relacioná-lo ao cotidiano dos alunos, aspecto importante para a compreensão leitora. Também explorei o gênero do texto, o que possibilitou aos alunos o contato com a fábula, ponto imprescindível à compreensão do texto, do conteúdo, da composição, e do estilo do texto (BAKHTIN, 1979).

Como atividade, solicitei aos alunos que marcassem, no texto, as partes que julgassem mais interessantes. Também lhes pedi que retirassem do texto as palavras desconhecidas e as reescrevessem em seu caderno, assim, foi possível também ampliar o vocabulário, através da utilização do dicionário e estudo dos sinônimos, um dos objetivos almejados com a realização desse trabalho. Após esse momento, parti para a exploração da organização do texto, para fornecer aos alunos o entendi-

mento necessário à produção. Nesta etapa, mostrei como o texto foi construído e quais suas características, conforme protocolo a seguir.

Protocolo Nº 02: Exploração da organização do gênero fábula

(P) Gente bom dia! Vocês trouxeram o texto que nós trabalhamos na aula passada? Peguem aí, por favor!

(P) Nós temos aqui o texto “O Avaro”. O autor da fábula é Esopo, certo?

(P) Temos aqui uma narração! Estão sendo narrados fatos, acontecimentos acerca de um certo personagem. As personagens são em geral animais e a história encerra de modo explícito.

(P) Neste texto, a moral está escrita aqui bem embaixo, mas existem fábulas que você precisa ler e compreender pra você poder entender esse fundo moral.

(P) Aqui, nesse primeiro parágrafo, há uma apresentação, no início do texto. Exemplo: “Um avaro tinha enterrado seu pote de ouro no lugar secreto do seu jardim”. Aqui já está sendo feita uma apresentação do que o personagem estava fazendo.

(P) Prestem atenção, porque estou mostrando como o texto deve ser construído, como vocês devem construir o de vocês.

(A1) É em grupo?

(P) Não! Cada um vai fazer a sua, mas não é agora. Por isso, prestem atenção no que estou explicando, ok?

(P) Então nós tivemos aí a apresentação que é o início do texto. A história ocorreu no jardim do avaro que é o personagem da fábula, ok?

(P) Temos também a narração dos fatos. Essa narração nós podemos chamar de enredo. Temos aqui “*e todos os dias antes de dormir ele ia até o ponto*”. Temos uma narração dos fatos, pois não está sendo contada uma história? O que é narração?

(A2) É contar uma história que não aconteceu com a pessoa...

(A3) Claro que é contar, mas é resumir uma história que aconteceu no texto.

(A4) É um fato ou acontecimento

(P) É um fato ou acontecimento! Aqui nós temos esse trecho da fábula [...] Vocês podem ver que a história vai sendo construída, vai sendo narrada. Já pensou se fossem algumas palavras soltas, sem nexos nenhum. Não teria um enredo né? O enredo é justamente essa questão do desenvolvimento da história.

(P) Temos o ambiente que é o local onde ocorreu a história “*um avaro tinha enterrado seu pote de ouro no lugar secreto do seu jardim*”. A gente

pode ver aqui o local onde aconteceu essa história?

(A5) Jardim!

(P) No jardim! Muito bem! Então vocês visualizarem isso.

(P) Temos o tempo em que a história vai se desenvolvendo. Temos “*ele fez tantas viagens ao local que um ladrão que já o observava há bastante tempo curioso para saber o que o Avarento estava escondendo veio uma noite e sorratamente desentrou o tesouro levando-o consigo*”. Nós temos aqui o que está sendo narrado e em que tempo. Está se referindo ao passado ou ao presente?

(A6) Passado!

(P) É uma história que está sendo narrada no passado. Mas vejam aqui: “*Quando o Avarento descobriu sua grande perda foi tomado de aflição e desespero*”. Onde está o personagem aqui?

(A7) O Avarento!

(P) Vocês estão vendo que a gente está fazendo uma explicação do que é uma estrutura da fábula. É importante vocês entenderem porque vocês vão produzir uma fábula, por isso estou explicando toda essa estrutura pra vocês entenderem como é construído, tá bom?

(P) Temos ainda o Clímax? Vocês já ouviram falar no Clímax?

(A8) É o maior ponto de tensão da narrativa!

(P) Ou seja, é aquele momento que você diz: “e agora?” Nós temos “*comprar! Exclamou furioso o Avarento! Você não sabe o que diz! Ora eu jamais usaria aquele ouro!*”

(P) O personagem do texto é miserável, ele era apegado ao bem material dele, no caso, o ouro, que não quis gastar. Então, o clímax está nesse momento aqui. É o momento que o escritor expõe a maior tensão. Qual o sentido de ter dinheiro e não gastar? De acordo com o texto, alguém que viu o desespero dele, disse: – “Por que você não gastou? Porque não deixou na sua casa onde você teria um acesso fácil pra poder gastar?” Aí ele ficou espantado: “Gastar!” É isso que a gente espera de um avarento. Então, esse aqui é o clímax da história.

(P) Temos também o desfecho. O desfecho já está dizendo é final da história, é o resultado final da fábula. Temos aí a...

(A9) A moral!

(P) Moral: “*Uma coisa ou posse só tem valor quando dela fazemos uso dela*”.

[...]

(P) Agora que vocês conseguiram entender como foi organizado o texto, vocês vão produzir uma fábula, certo? Vão escolher se vão pegar animais, ob-

jetos ou seja, fazer diálogos... e vão desenvolver uma fábula.

Esta fase teve a finalidade de expor aos alunos as características da fábula. Também visou à exposição das ideias principais e secundárias e a linguagem utilizada no texto, embora esse momento não apareça no recorte feito. Ainda, para ajudar na compreensão leitora dos alunos, fiz uma atividade de análise do texto “O Avarento”, o que tornou mais possível o entendimento da organização do gênero. Também entreguei aos alunos dois textos intitulados “Um Apólogo”, de Machado de Assis, e “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo, para que tivessem outros modelos de fábula e assim pudessem desenvolver, de maneira mais consciente, a produção textual.

Percebemos que essa atividade contribui de maneira significativa para a produção textual dos alunos, pois quando eles conhecem melhor o gênero, torna-se mais fácil o processo de escrita.

Após o término dessa fase, os alunos iniciaram, de fato, o processo de produção do texto. Dei-lhes orientações quanto à estrutura e características do gênero solicitado, organizadas em forma de indicadores a serem observados durante a produção do texto, e para que fizessem as correções do seu próprio texto, quando os terminassem.

1. *Sua Fábula possui título?*
2. *Há diálogos entre os personagens?*
3. *Há presença de seres humanos ou animais?*
4. *Você utilizou sua criatividade na produção do texto?*
5. *Seu texto possui moral?*
6. *Sua letra é legível?*
7. *Você respeita as margens no momento da produção?*
8. *Você mantém o espaçamento entre os parágrafos?*
9. *Seu texto tem pontuação adequada?*
10. *Seu texto possui sequência e sentido? As ideias estão organizadas?*
11. *Seu texto possui concordância verbal e nominal?*
12. *Você utilizou os sinônimos para evitar repetição de palavras?*

13. Você escreveu corretamente as palavras?

O protocolo a seguir explicita esse momento.

Protocolo Nº 03: Primeira versão da escrita

[...]

(P) Gente! Prestem atenção! Essas perguntas entregues pra vocês vão direcionar a correção do texto de vocês!

(P) Vocês vão verificar se o texto de vocês possui todas essas perguntas. Elas são para orientar a correção dos textos de vocês. Você vai verificar se seu texto tem um título, se possui diálogo, se realmente é uma fábula. Vai ver se ele está todo alinhado, se possui margem, tudo isso tá?

(P) Olhem só, temos aí a primeira pergunta: Sua fábula possui um título? Se tiver, ótimo! Há diálogos entre os personagens? Há presença de seres humanos ou animais? Você utilizou a criatividade na produção do texto? Seu texto possui uma moral? Sua letra é legível? Ou seja, dá pra entender o que você escreveu? É importante, gente! Caprichem na letra porque fica ruim pra gente entender o que vocês escreveram. Você respeita as margens na hora da produção? Você mantém o espaçamento entre os parágrafos? Seu texto tem pontuação adequada? No lugar do ponto de exclamação alguns colocam interrogação, às vezes colocam vírgula quando é um ponto final, ou ponto contínuo. Seu texto possui sequência e sentido? Ou seja, precisa ter lógica, nexos entre os diálogos, tá? Possui concordância verbal, nominal? Você utilizou sinônimos? Vejam que nós estudamos os sinônimos também, que é um dos recursos para evitar repetição de termos, repetição de palavras. Você procurou escrever corretamente as palavras?

[...]

O texto a seguir foi escrito por um dos alunos, e representa a primeira versão da escrita, sem as devidas correções.

Quadro 01: Primeira versão do texto

<i>A cobra Invejosa</i>
Era uma vez a cobra invejosa ela tinha muita inveja da onça pois a onça além de ser bonita era muito respeitada por todos, já a cobra não tinha nada nem ninguém pois a sua arrogancia e ignorancia faz com que todos se afastem dela.
Um certo dia a Cobra chegou perto da onça e perguntou por que ela era tão respeitada aí ela respondeu:
“E por que eu tenho amor no coração e respeito as pessoas com quem eu falo e as que eu conheço.

Então depois que a onça falo aquilo ela pesou e tentou mudar no primeiro dia
depois que ela mudou ela teve mais respeito com as pessoas e parou de
ser arrogante e ignorante então ela em troca o respeito que ela sempre quiz da cobra.
Moral: Nunca seja ignorante com alguém pois você não gostaria de ser tratado com ignorância.

O texto revela o que o aluno é capaz de fazer, em um primeiro momento da escrita, evidenciando assim a necessidade de intervenção do professor nesse processo. Observamos que, mesmo após as orientações, o aluno não conseguiu produzir um texto com a qualidade esperada, por isso, a intervenção do professor é fundamental, como destacaremos a seguir.

Protocolo Nº 04: Segunda versão da escrita

(P) Agora nós vamos pegar um texto que eu selecionei pra gente trabalhar a correção, e depois vocês vão trabalhar da mesma forma no texto de vocês, certo?

(P) Agora, nós vamos partir para a correção!

(P) “Era uma vez a Cobra invejosa ela tinha muita inveja da onça”. Se já está dizendo que ela é invejosa, precisa repetir inveja de novo?

(A1) Não!

(A2) “Era uma vez a Cobra invejosa que não gostava da Onça, pois a Onça, além de ser bonita, era muito respeitada por todos”

(A3) Aí, depois de bonita deveria ter uma vírgula também!

(P) Isso! Muito bem! Aqui também “era muito respeitada por todos”. E aqui, é uma vírgula? Prestem atenção na leitura do texto “Era uma vez uma Cobra invejosa que não gostava da Onça, pois a Onça, além de ser bonita, era muito respeitada por todos”

(A4) É um ponto!

(P) Vamos apagar a vírgula e colocar um ponto. “Já a Cobra não tinha nada nem ninguém” e aí?

(A4) Vírgula!

(P) Onde é a vírgula?

(A4) Nem ninguém!

(A5) Depois de “ninguém” também tem.

(P) “Não tinha nada, nem ninguém, pois a sua arrogância e ignorância [...]”

(A5) Acento circunflexo em arrogância e ignorância.

(P) Isso mesmo.

(P) “Faz com que todos se afastem dela”. Vocês viram que nós já mudamos o sentido desse primeiro parágrafo. Vocês perceberam aí que nós já mudamos um pouco o texto. Ele já ganhou uma nova aparência.

(P) Só dá uma atenção aí ao tempo, não tá contando ali “era uma vez?” e era uma vez não é no passado? Leia aí pra mim.

(A6) “Era uma vez a Cobra invejosa que não gostava da Onça, pois a Onça, além de ser bonita, era muito respeitada por todos”

(P) Pois é, já no próximo parágrafo.

(A7) “Já a Cobra não tinha nada, nem ninguém, pois a sua arrogância e ignorância faz com que todos se afastem dela”

(P) Esse “faz” é “fazia” ...

(A8) “Com que todos se afastassem dela”

(P) Muito bem!

(P) “Um certo dia a Cobra chegou perto da Onça e perguntou porque ela era tão respeitada, aí ela respondeu” Como a gente pode melhorar esse trecho?

(A9) “Um certo dia a Cobra chegou perto da Onça e perguntou”. Aí coloca dois pontos, e na outra linha travessão.

(P) Muito bem! “Um certo dia a Cobra chegou perto da Onça e perguntou “ porque ela era tão respeitada”. Temos uma pergunta.

(A10) Interrogação!

(P) O que mais a gente pode melhorar aqui, nesta frase?

(A11) É “P” maiúsculo.

(P) “Um certo dia a Cobra chegou perto da Onça e perguntou porque ela era tão respeitada”

(A12) Esse “por que” não tem acento não, professora?

(P) “Por que” para início de perguntas, o que nós vimos?

(A) “Por que” separado e sem acento.

(A13) Professora, “Aí ela respondeu [...]” Coloca “Então ela respondeu”

(P) Muito bem! Vamos colocar esse diálogo de uma forma mais direta? Quando a gente quer perguntar alguma coisa pra pessoa, a gente não fala mais direto? Exemplo: “ Por que o L.... está com boné em sala de aula? Então vamos colocar essa pergunta de maneira mais direta, como se estivesse se dirigindo diretamente à Onça!

(A14) “Por que você é tão respeitada?”

(P) Muito bem! “Então ela respondeu:”

(A15) Esse “ela” nem tá identificando quem é.

(P) Quem foi que falou isso aqui? Quem é ela?

(A15) Onça!

(P) Vamos colocar aqui “Então a onça respondeu:” A Onça aqui pessoal, escreve-se com letra maiúscula, por ser personagem. A Cobra também. Ok! “Então a Onça respondeu:” “E por que eu tenho amor no coração e respeito às pessoas com quem eu falo.

(A16) Professora, é “porque”, com acento, e tem travessão!

(P) Travessão! Muito bem!

(A16) Aí tem aspas? Tem que tirar!

(P) Tira as aspas?

(A17) Tira!

(P) “É por que eu tenho amor no coração”. Esse “por que” separado como resposta, tá correto?

(A17) Não!

(A18) É “porquê” com acento e junto.

(P) “Porquê” junto e com acento é utilizado quando pode ser substituído por “motivo”. Está substituído por motivo?

(A19) Não!

(P) Então é um “porque” junto e sem acento, utilizado para respostas. E a Onça não está respondendo? Então vamos colocar “É porque eu tenho amor no coração e respeito às pessoas com quem eu falo”. E aí, como a gente pode melhorar aqui?

(A20) Professora, “É porque eu tenho amor no coração e respeito às pessoas com quem eu falo”. Tira o “eu” e fica “com quem falo”.

(P) “É porque eu tenho amor no coração e respeito às pessoas com quem falo”. Muito bem! O que mais? “E as que eu conheço”. E aí?

(A21) Professora! Aí tá “as pessoas com quem eu falo e conheço”. As pessoas que ela fala, é claro que ela conhece, então tira “as que eu conheço”.

(P) Tira aqui? “É porque eu tenho amor no coração e respeito às pessoas com quem falo”. Pronto!

(P) Prestem atenção. Que pontuação eu poderia colocar pra chamar mais a atenção no texto?

(A22) Exclamação!

(P) “É porque eu tenho amor no coração e respeito às pessoas com quem falo!” Dá uma ênfase na fala da personagem. São recursos que você pode utilizar pra melhorar o seu texto, certo?

(P) E aqui nós temos “então depois que a Onça falo”

(A23) Falou!

(P) Isso mesmo!

(P) Esse “então” está correto, nessa colocação?

(A24) Não!

(P) O que nós temos que fazer com ele aí?

(A25) Tirar!

(P) Não.

(A25) Espaço.

(P) Espaço! Muito bem, então vamos dá um espaço nele. Essa questão de espaçamento dentro do texto é importante para não deixar o texto todo bagunçado. “Então...” Aqui depois de “então” temos uma vírgula não é? “Então, depois que a Onça falo aquilo”

(A26) Falou

(P) “Falou!” Quando vocês estiverem escrevendo um texto fiquem atentos a essa questão da oralidade, ou seja, a fala de vocês dentro do texto. A situação aqui foi essa: a pessoa escreveu do jeito que ela costuma falar.

(A27) E esse “aquilo”?

(P) “Aquilo” o quê? Está sem sentido, a gente pode substituir por qual situação?

(A28) “Então, depois que a Onça falou o motivo de ser respeitada..” vírgula!

(P) A Cobra pensou e tentou mudar no primeiro dia. E aí?

(A29) Esse “pensou e tentou mudar no primeiro dia” é uma afirmação professora!

(P) Isso, é uma afirmação! Prestem atenção “Então depois que a Onça falou o motivo de ser respeitada, a Cobra pensou e tentou mudar no primeiro dia”. Pronto! Finalizou. Não finalizou?

(A30) Ponto parágrafo!

(P) Nós não vamos finalizar aí com um ponto parágrafo. Vamos dar continuidade, porque aqui um parágrafo só com duas linhas não faz muito sentido, tá? Vamos continuar.

(A31) Puxa o “depois” pra cima com letra maiúscula.

(P) “Depois que ela mudou”. Vamos corrigir aí! “Depois que ela mudou...”

(A32) Vírgula.

(P) “Depois que a Cobra mudou, ela ganhou mais respeito com as pessoas”.
Pessoas?

(A33) Animais!

(P) Olha só, outra correção aí. Ela ganhou mais respeito dos animais ou com os animais?

(A34) Dos animais!

(P) Olhem só, lembrem-se de que ela passou a ter respeito e obter respeito também. Então tem que colocar duas informações. Pensem aí como vai ser

(A35) Ela ganhou mais respeito dos animais.

(P) E também passou a...

(A36) Respeitá-los!

(P) Olhem só! Vejam bem! Vocês lembram que esse parágrafo estava todo desestruturado, não tinha vírgula, não tinha ponto. Era um trecho que não dava pra entender. Agora olhem como ficou.

(P) “Então, depois que a Onça falou o motivo de ser respeitada, a Cobra pensou e tentou mudar no primeiro dia. Depois que a Cobra mudou, ela ganhou mais respeito dos animais e também passou a respeitá-los.”

(P) Vamos para a moral “Nunca seja ignorante com alguém, pois você não gostaria de ser tratado com ignorância”.

(P) Tem a ver essa moral?

(A37) Não tem nada a ver com o texto, pode apagar tudo.

(A38) Professora, fica assim: “Se você quiser obter respeito, não seja ignorante ou arrogante com ninguém”.

(P) Muito bem!

[...]

O texto a seguir é resultado da mediação da escrita do aluno, conforme vimos no protocolo nº 04.

Quadro N° 02: Segunda versão do texto

A Cobra invejosa

Era uma vez a Cobra invejosa que não gostava da Onça, pois a Onça, além de ser bonita, era muito respeitada por todos. Já a Cobra não tinha nada, nem ninguém, pois a sua arrogância e ignorância faziam com que todos se afastassem dela.

Um certo dia, a Cobra chegou perto da Onça e perguntou:

- Por que você é tão respeitada?

Então a Onça respondeu:

- É porque eu tenho amor no coração e respeito às pessoas com quem falo.

Então, depois que a Onça falou o motivo de ser respeitada, a Cobra pensou e tentou mudar no primeiro dia. Depois que a Cobra mudou, ela ganhou mais respeito dos animais e também passou a respeitá-los.

Moral: *Se você quer obter respeito, não seja ignorante ou arrogante com ninguém.*

Procuramos, neste trabalho, realizar uma ação sistemática para que o aluno pudesse ampliar o conhecimento acerca do gênero, por meio dos seguintes procedimentos:

1. Leitura e compreensão do texto;
2. Compreensão do gênero;
3. Orientações para a produção do texto;
4. Análise e refacção do gênero.

Também tivemos a intenção de conscientizar os alunos sobre a importância da reconstrução do texto, possibilitando-lhes o entendimento, na prática, de como ocorre esse processo.

4. O resultado das experiências do ensino e da aprendizagem no estágio

Durante esse percurso, encontrei muitas dificuldades relacionadas ao empenho dos alunos na realização das atividades, fato que compromete a aprendizagem e o bom rendimento nos trabalhos. No primeiro momento em que os alunos tiveram contato com o texto, alguns o acharam interessante, e outros não entenderam bem, prova disso, é que nem todos conseguiram relacionar o título com o conteúdo do texto.

E, apesar de toda a explicação sobre a estrutura da fábula, alguns

alunos, na primeira versão da escrita, produziram textos mais próximos de dissertação, outros simplesmente entregaram textos que não eram de sua autoria, mas outros chegaram bem próximos à proposta da escrita.

Sabemos que o ato da escrita nem sempre é bem vindo pelos alunos, pois fatores como indisposição, falta de compromisso, dificuldade na realização da atividade, entre outros, dificultaram esse processo. Esses e outros aspectos tornam o processo de mediação da escrita difícil, exigindo do professor paciência e dedicação.

Mas, apesar de ter sido um processo cansativo, tanto para os discentes quanto para mim, a professora-estagiária, a proposta de refação coletiva do texto proporcionou aos alunos a participação na aula e os ajudou a conhecer as possibilidades para melhorar seus textos. O resultado que obtivemos foi a participação significativa dos alunos no processo de análise e refação coletiva do gênero.

Percebemos que o ensino planejado produz diferença na aprendizagem do aluno, e que essa ação só existe verdadeiramente quando, de fato, alunos e professores participam e comungam da mesma intenção: a interação, com o fim de gerar aprendizagem.

5. Considerações finais

O objeto do ensino da língua materna tem sido muito discutido, nas últimas décadas, e ao lado dessa discussão está a concepção assumida pelo professor, e materializada nas ações didáticas de sala de aula.

Mudar o objeto de ensino exige mudança também na interação da sala de aula e na estrutura do ensino, em toda a escola, porque uma das mudanças mais perceptíveis é o tempo destinado às aulas, em consequência da finalidade da interação. Ensinar e aprender são processos que demandam diálogos, ajustes, reajustes e tempo para que as atividades sejam compreendidas e realizadas com êxito.

Nesse estágio, percebemos a importância de o professor realizar a mediação planejada como ação contínua, orientada por um processo metodológico sistemático de sequência didática, para a eficiência do processo de produção textual dos alunos.

Precisamos alimentar a esperança que nutrem Bortoni-Ricardo e Machado (2013) de uma guerra santa no ensino da língua, para a resolu-

ção dos problemas que afetam tanto alunos quanto professores. Realizamos este trabalho com a intenção de responder a este chamado, que, a princípio, parece-nos um grande desafio, mas, sobretudo, uma tarefa possível e satisfatória. Vimos que ações didáticas planejadas e realizadas com paciência e disposição, na sala de aula, podem ajudar a realizar os trabalhos de Hércules apontados por Bortoni- Ricardo (2013), e tornar o ensino brasileiro uma ação efetiva de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Michail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Projeto Pontes: entre a pesquisa acadêmica de sociolinguística educacional e a formação de professores*. Brasília, CNPq, 2011.

_____. *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. MACHADO, Veruska Ribeiro. (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

COROA, Maria Luíza. Linguística, discurso e ensino. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no1_sum.htm>. Acesso em: 12-09-2011.

COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PERTERSON, Ana Antônia de. *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org.: Roxane Rojo e Gláias Sales Cordeiro. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Vanderlei (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2002.

MOTTA-ROTH, Désirrée; HENDGES, Graciela. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PICONEZ, Stela C. B. *A prática de ensino: o estágio supervisionado*. Campinas: Papirus, 1991.

TOMITCH, Leda Maria Braga. (Org.) *Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura*. Bauru: EDUSC, 2008.

VYGOTSKY, Liev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.